

QUESTÕES DE REESCRITA CRIATIVA

Anotações Pontuais acerca da Transgenericidade¹

CELINA SILVA

celinas@letras.up.pt

¹ Este trabalho insere-se no âmbito do projecto de pesquisa sobre géneros literários do Núcleo de Estudos Literários – Linha de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, de que fazem parte os textos: “O Género Literário; Notas de Leitura em Poética e História Literária”, in *Colóquio O Género Literário; Norma e Transgressão*, München, Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2005; “Género e Diferenciação Genérica; De uma Ontologia dos Objectos a uma Pragmática do Uso”, in *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, Vol. XXII, Porto, 2005, surgindo também na sequência de pequenos trabalhos anteriores: “Considerações Gerais Sobre o Género Literário”, in *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, Vol. VIII, Porto, 1991 (pp. 349-352) e “Da Poética à Estética – Inflexões e Expansão na Teorização Genettiana”, in *Literatura Comparada: Novos Paradigmas*, Porto, 1996 (pp. 441-447), onde estas questões foram abordadas ora sintética ora pontualmente.

O presente artigo procura esboçar linhas de leitura de certos traços constitutivos dos processos de manifestação da transgenericidade apoiado em alguns estudos significativos concernentes à teoria do texto, produzidos pelo que se poderia chamar de modo amplo “escola francesa”. Contudo, a necessária contextualização leva a situações de recategorização *a posteriori*, como frequentemente acontece.

Originariamente o texto foi objecto de uma comunicação no colóquio *O Transgénero*, organizado pelo Núcleo de Estudos Literários em 2006 e de uma redacção primeira. Porém certas das propostas aí aventadas, a saber, o conceito de transgenericidade, derivado por analogia da combinatória do conceito de transtextualidade proposto por Genette e do genericidade elaborado por Schaeffer, surgem referidas e definidas em *Les Genres de Travers – Littérature et Transgénéricité*, La Licorne,

“Sous le transgénérique s’indique la réalité plurielle et hétérogène des genres et de la généricité ”.²

D. Moncond’huy e H. Serpi

O encarar da ordem literária como amplo processo de germinação textual instaura uma mutação capital no domínio dos Estudos Literários, nomeadamente na Teoria da Literatura bem como na Semiótica, constituindo o postular do conceito de texto uma marca incontornável na abordagem do fenómeno literário. Tal categoria permite, através da nova proposta formalizadora por ela consignada e desencadeada, um avanço relevante e uma inflexão crucial na descrição e análise do mesmo, realçando a “produtividade” e a complexidade a ele inerentes. Com efeito, o referido conceito surge na teorização francesa enquanto resultante em certa medida da articulação dos trabalhos paradigmáticos de Kristeva em finais dos anos 60 onde as propostas de Bakhtine se manifestam de modo cabal, com algumas posturas barthesianas da mesma época nas quais estão patentes uma apropriação pessoal das reflexões de Valéry e uma inegável abertura epistemológica.

Assim, a processualidade literária é encarada pela referida teórica fundamentalmente enquanto diálogo e prática transformadora de e entre textos, maioritária mas não exclusivamente literários, bem como dos sistemas linguístico, literário e cultural aos quais os primeiros se reportam. “Interação permanente de textos e géneros”, a intertextualidade, “processo constante e talvez infinito de *transfert* de materiais textuais no interior de um conjunto de discursos”, adquire

n.º 82, Presses Universitaires de Rennes, 2008, facto que exigiu a actualização reformuladora do primitivo texto.

² Cf. “Avant Propos”, op. cit., p. 8.

o estatuto de entidade fundacional do literário cujas manifestações produzem objectos onde se evidencia um engendramento constante produtor de heterogeneidade e de multiplicidade. No domínio textual reina a pluralidade de discursos e de géneros em permanente interacção e germinação criativa.

O “texto-intertexto”, entidade dinâmica, é postulado enquanto “escrita-leitura”, reelaboração subversiva de outros textos mediante uma série de procedimentos específicos: transformação, absorção, mas também transposição, transgressão. Considerado pela citada investigadora “cruzamento de várias superfícies textuais”, o intertexto corporiza e corporiza-se enquanto materialização dialógica de várias escritas, articulação activa com e face à discursividade global. Leitora do teórico russo mencionado, Kristeva frisa sobremaneira a forte implicação do social e do histórico na ordem e exercício da linguagem, bem como nas práticas divergentes e desviantes por ela suportadas e a que, incessantemente, dá origem no seu agenciamento.

Efectivamente as críticas feitas em finais da década de 20 por Bakhtine e pelo seu “círculo”, segundo a formulação de Todorov (teórico responsável, juntamente com Kristeva, pela divulgação em França da obra do citado investigador), relativas à concepção de linguagem adoptada pelos formalistas russos, mais precisamente ao conceito saussureano de língua, e, nomeadamente as suas reflexões sobre o “discurso” enquanto acto de linguagem socialmente determinado, prenunciadoras das propostas da Pragmática, originam nos anos 70 uma postura distintiva no questionar do literário fortemente actuante. A dita teorização, ao longo do seu extenso percurso onde se patenteiam amplificações e inflexões tão singulares quanto reveladoras de dimensões até então inabordadas ou não trabalhadas de modo sistemático, rejeita sistematizações acerca da ordem literária marcadas por um dado “fechamento” e uma certa “linearidade”. Segundo os seus pressupostos, o *medium* da literatura

não é a língua mas o discurso cujo exercício se encontra ancorado nos modos de enunciação e nos gêneros que deles derivam de certa maneira. A obra literária instaura um campo verbal específico com dimensão estética, requerendo, por consequência, um estudo abarcador da complexidade e totalidade a ela inerentes enquanto entidade sîgnica, integrante e integrada na ordem cultural e dela indissociável.

O reivindicar da necessidade em articular o estudo do fenómeno literário com o cultural bem como o alcance global e a diversidade marcante da obra em questão, proponente de uma nova epistemologia para as Ciências Humanas, conferem às reflexões de Bakhtine sobre o literário, e não só, o estatuto de prática teórica inter e transdisciplinar, na medida em que a mesma revela um teor que se pode considerar, segundo uma designação recente, transdiscursivo visto gerar “un corpus de fonctions variables qui traverse, en les reliant, les discours isolés ou discontinus et qui établit entre les produits de l’art moins un système codifié de conventions qu’un réseau vivant de raisons et de valeurs”³.

A tese defendida por este teórico sobre a génese do romance, género proteiforme porque marginal e ou marginalizado pela Poética Clássica, converte-o em entidade que se opõe, não a outro género em particular ou pontualmente, mas a toda uma concepção essencialista, prescritiva, monovalente de literatura. Esta formulação confere ao romance, forma “plurilinguística, pluriestilítica e plurivocal”⁴, o cunho instaurador de um “arquigénero” ou de um “contra-género”, segundo as diversas traduções e díspares interpretações críticas da mesma

³ Cf. D. Moncond’huy e H. Serpi, “Avant Propos”, op. cit., p. 10.

⁴ Cf. M. A. Perez, *Historia da Teoria da Literatura II*, Valência, Tirant lo Blanc, 2003, p. 474.

obra, ou ainda aquilo que actualmente se classificaria como um transgénero⁵, numa acepção ampla onde pluralidade, transversalidade e travessia se articulam.

Angenot, posteriormente, realça a dimensão processual inerente ao conceito de intertextualidade formulado por Kristeva, ao postular o seu cunho abrangente cujo teor inclusivo insere o literário numa rede ampla de transacções entre modos e estatutos discursivos vários. A tomada de consciência do papel fulcral da interdiscursividade e da pluralidade genérica vigente nas práticas literárias, nelas actuante em sentido pleno, já apontadas por Todorov exige, segundo o primeiro autor, uma atitude interdisciplinar na abordagem das mesmas. Porém não é apenas ao nível da ordem dos discursos linguístico e literário que a existência de tal dimensão se manifesta, mas também ao nível do próprio discurso teórico, exercício de reflexão, sistematização e crítica. Prática textual específica, metatextual mais precisamente, numa acepção simultaneamente restrita e lata⁶, a teorização, conjunto articulatório de campos disciplinares distintos, porém complementares,

⁵ Cf. “la transgénéricite peut se définir par *tout ce qui met un genre en relation avec d autres genres*”, D. Vaugeois, “Quelle Pertinence pour Le Concept de Transgénéricité au XX^e Siècle”, op. cit., p. 224.

⁶ G. Genette considera em *Figures II* a crítica como um género literário em segundo grau e também posteriormente metatextualidade. Tal questão foi abordada num trabalho anterior: “Ultrapassando a fase estruturalista mediante uma inflexão-expansão, a produção reflexiva genettiana evidencia uma apropriação pessoal, aprofundada e clarificadora, da formulação proposta por J. Kristeva na esteira do pensamento de Bakhtin, apontando níveis e especificando-lhes a vigência funcional, numa espécie de «desdobrar», explicitador e redefinidor da teorização pré-existente. Verifica-se uma restrição relativamente aos conceitos de intertextualidade e de metatextualidade cujo nome é importado da teorização divulgada por Kristeva, onde ambos tinham uma abrangência muito mais lata, o primeiro implicava a «transformação e a absorção de outros textos» e o segundo remetia para a dimensão teórica e reflexiva em sentido genérico.”, “Da Poética à Estética – Inflexões e Expansão na Teorização Genettiana”, in *Literatura Comparada: Novos Paradigmas*, Porto, p. 445.

assume por sua vez, uma postura expansiva reformuladora de teor radical ora dialógica, ora de deriva, ora de síntese. Os chamados pós-modernismo e pós-estruturalismo patenteiam o assumir da multiplicidade radical de posturas, de pontos de vista e de práticas sejam elas literárias ou teóricas bem como da re-articulação, imbricação e até fusão das mesmas, instaurando articulações simbióticas não apenas inter mas também trans-discursivas, genéricas e disciplinares.

De entre elas ressalta, como se apontou no início, a originalidade do percurso reflexivo em permanente, porém coerente, reformulação de Barthes cujo conceito de escrita, enquanto “função encarregada de exprimir a relação da criação e da sociedade”, evidencia uma recusa da literatura em sentido canônico, convertendo o texto, materialização da primeira, em entidade simultaneamente pan, a e trans-genérica. Com efeito, o texto na prática de Barthes, “entidade plural atravessada por códigos culturais múltiplos”, instaura um transgênero, pela corporização subversiva do registo teórico onde linguagem objecto e metalinguagem se fundem. A escrita barthesiana instaura uma abordagem específica no exercício da linguagem na qual as ordens “literária” e “teórica” coincidem, imbricando-as de modo radical e declarado, gerando uma textualidade que explora o lado germinal, o potencial criativo, transgressivo, inerente às formas verbais⁷ seja no registo criativo seja no reflexivo. Fusionando teoria e literatura, a produção em questão, autêntico e assumido processo de reescrita a partir de um dado momento, engendra textos plurais, expansivos, onde a criatividade da matéria verbal em seus diversos registos se torna patente através de um agenciamento singular, libertário dos discursos poético e metapoético. Em declarada continuidade face

⁷ Cf. Todorov, *Les Genres du Discours* e Genette em vários artigos de *Figures I* e *Figures II*.

às aberturas prospectivas consignadas nos trabalhos de Valéry, a obra de Barthes presentifica de modo inequívoco as dimensões de genericidade e da transgenericidade posteriormente formuladas pelos investigadores.

Genette, em *Introduction à L'Architexte* postula a arquitextualidade enquanto “relation d'inclusion qui unit chaque texte aux divers types de discours auxquels il ressort. Ici viennent les genres et leurs déterminations déjà entrevues: thématiques, modales, formelles et autres (?)”, atribuindo-lhe o estatuto de “objecto formal” da Poética. Para o referido teórico, na linha do pensamento formalista, a historicidade da prática literária implica a substituição actuante ao nível dos sistemas, e no interior do próprio sistema, operada através de uma recombinação das formas e das funções; consequentemente as taxonomias porque históricas, logo provisórias, são necessariamente relativas e múltiplas, dada a existência de diferentes e díspares concepções de literariedade. Porém, aquelas constituem, instrumentos particularmente úteis ao nível da leitura, na medida em que disso se toma consciência: “comme toutes les classifications provisoires, et à condition d'être bien reçues pour telles, elles ont souvent une incontestable fonction heuristique” conforme se afirma posteriormente em *Figures V*.

Na obra *Palimpseste*, continuação e reformulação em simultâneo do trabalho acabado de mencionar, constatando o dinamismo intrínseco à manifestação do literário, evidenciador da capacidade, patente ou não, em estabelecer relacionamentos de ordem e nível vários com outros textos, define-se, como propriedade essencial do texto, e por conseguinte, cerne da reflexão poética, a transtextualidade: “tout ce qui le met en relation manifeste ou secrète avec d'autres textes”. Com efeito, texto é-o na medida em que, mediante o teor processual a ele inerente, contém em si mesmo a propriedade de se transcender, articulando-se quer com outros textos quer com entidades formais de

cunho genérico, a citada dimensão da arquitextualidade, funcionando esta enquanto “modalidade” proporcionadora de horizontes de perceptibilidade, de potencialidades de escrita e de leitura por semelhança ou diferença. Esta proposta atesta uma mutação relevante na produção em questão que pode ser equacionada, segundo os seus próprios termos, como a passagem da “imanência à transcendência”, operada num primeiro momento através do diálogo com a Pragmática e Semiótica em *Nouveau Discours du Récit e Fiction et Diction*, posteriormente, com a Estética e Teoria da Arte nas obras *L'Œuvre de L'Art I e II*. A referida mutação evidencia ainda a viragem instaurada, a partir de meados dos anos 80, no âmbito do estudo da genologia, resultante em grande medida da radical heterogeneidade vigente nas múltiplas transformações evidenciadas nas coetâneas actualizações do literário, mas também da tomada de consciência desse cariz pela teorização.

Nas diversas obras de Schaeffer⁸, nomeadamente em *Qu'est-ce qu'un Genre Littéraire?*, estabelece-se uma mudança qualitativa relevante mediante a qual se abandona uma postura taxonómica em sentido tradicional, essencialmente classificativa, baseada numa lógica binária de inclusão-exclusão em favor de uma atitude fundamentalmente descritiva e hermenêutica focando-se sobretudo a dimensão da genericidade⁹, marca genesíca e, em simultâneo, função

⁸ Cf. *Qu'est-ce qu'un Genre Littéraire?*, Paris, Seuil, 1989; “Du texte au gènte”, in AA.VV., *Théorie des Genres*, Paris, 1986; “De deux facteurs institutionnels de la différenciation générique”, in AA.VV., *Textes et Sens*, Paris, 1996, pp. 49-60; “Genres Littéraires”, in *Dictionnaire des Genres et Notions Littéraires*, Paris, Encyclopaedia Universalis, 1997; “Système, Histoire et Hiérarchie: Le Paradigme Historiciste en Théorie de l'Art”, in AA.VV., *Majeur ou Mineur? Les Hierarchies de L'Art*, Paris, Editions Jacqueline Chambon, 2000; “Les Gentes Littéraires d'hier à aujourd'hui”, in *L'Eclatement des Genres au XX^{ème} Siècle*, Paris, 2001.

⁹ Cf “A ‘genericidade’ permite o engendramento de textos e, portanto, a instauração de obras, produzindo em simultâneo novas combinatórias e configurações que

constituente, constitutiva da entidade genérica, do arquiteyto¹⁰. O citado teórico salienta o papel comunicacional dinâmico desempenhado pela obra, a sua actuação sobre a ordem literária cujas categorias genéricas derivam fundamentalmente do cunho pragmático e institucional da mesma, isto é, do seu teor social. Constituindo a ordem literária um *corpus* histórico em perpétua transformação, chama-se a atenção, para a dimensão “transcendental” da arquiteytualidade visto esta implicar a relação de uma obra individual com uma “norma”, entidade de teor formal investida de prescritividade. Porém, o género, em si mesmo entidade de teor metatextual porque conjunto de proposições descritivas fornecedoras de parâmetros de escrita e de leitura, depende da categoria discursiva que o determina.¹¹

A inflexão acima referida informa e conforma grande parte da reflexão genológica posterior cujas abordagens múltiplas e díspares passam de um modo global “des genres à la généricité”, na fórmula

redimensionam o todo; perpetua mas também transforma, amiúde alargando, quando não criando outros géneros, novas espécies de materialização, diferentes concretizações geradas através da recombinação do sistema e os elementos constituintes do mesmo. O dinamismo intrínseco à matéria literária, ao ser processual do poético, engendra um permanente redimensionar do género em si mesmo, dos géneros entre si e da relação que estes estabelecem com o sistema literário enquanto instituição, sobre ele criando, em constante recombinação-reestruturação, equilíbrios mais ou menos estáveis, consensos episódicos, ou dotados de uma maior perenidade.”, “O Género Literário; Notas de Leitura em Poética e História Literária”, in *Colóquio O Género Literário; Norma e Transgressão*, München, Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2005, p. 8.

¹⁰ Cf. “A ‘genericidade’ constitui uma norma interiorizada que é também uma componente textual; cunho dinâmico atestado na capacidade de engendramento de situações de micisgenação, depuração, subversão. Participa de modo constitutivo na arquiteytualidade”, *idem, ibidem*, p. 7.

¹¹ Cf. “Enquanto metatexto o género contém a sua própria «genericidade»”, *ibidem*, p. 5.

sintetizadora a posteriori de J. M. Adam¹². Com efeito, o postular, que mais não é que formalização de uma evidência, da pluralidade inerente às manifestações literárias requer uma aproximação sistematizante de outra ordem:

Un texte relevant généralement de plusieurs genres, il ne s'agit plus de le classer dans une catégorie – son appartenance – mais d'observer les potentialités génériques qui le traversent – sa participation – à un ou plusieurs genres, en tenant compte des points de vue tant auctorial qu'éditorial et lectorial¹³.

Os citados factores, entre outros, justificam o progressivo abandono, ou a desvalorização, das sistematizações genológicas de cariz identitário ou essencialistas segundo Genette, na medida em que, se toda a manifestação do literário actualiza um género fá-lo sempre de modo parcelar, e em simultâneo, transgride-o de forma mais ou menos declarada como Todorov, havia demonstrado em *Introduction à la Littérature Fantastique*. De facto a “lei do género”, segundo a célebre formulação de Derrida, implica e engendra a sua transgressão pois ambas são co-relativas.¹⁴

A obediência e adequação às regras consignadas como imperativos na perceptística clássica são subsumíveis naquilo que Genette sintetiza em *Figures V* através da fórmula: “Soyez topiques!”, isto é,

¹² Cf. “Des Genres à la Généricité”, in *Langages*, n.º 13, Larousse, 2004, pp. 62-72.

¹³ Cf. “Six Propositions pour l'Étude de la Généricité”, in *Le Savoir des Genres*, La Licorne, n.º79, Presses Universitaires de Rennes, 2007.

¹⁴ Cf. “Se a norma hierarquiza, selecciona e reduz, ela é simultaneamente a resultante dessas mesmas operações. Por sua vez, a transgressão opera de maneira semelhante embora em sentido contrário, podendo no entanto, desdobrar-se e reduplicar-se mais facilmente que aquela, movendo-se ou tendo a capacidade de o fazer em quase todas as direcções.”, op. cit., p. 9.

enquanto conformidade à suposta natureza do género. O mesmo autor, ao abordar o papel desempenhado, seja ao nível literário seja ao metaliterário, pelas formas híbridas no sistema poético clássico, nomeadamente o poema herói-cómico e a tragicomédia, demonstra que a combinatória de que os mesmos resultam não atinge as regras constitutivas nucleares do género propriamente dito, permitindo, por isso mesmo, a sua inclusão no sistema poético em vigor: um poema herói-cómico continua a ser um poema e uma tragicomédia não deixa de ser uma tragédia segundo se aponta no referido ensaio.¹⁵ Esses casos exemplificativos de procedimentos de hibridização, onde a “transgression générique suppose le cadre d’une poétique”¹⁶, diferem daquilo a que o citado autor chama “mélange” praticados no Barroco e no Romantismo, onde se produzem textos claramente plurais visando ora a miscisgenação declarada dos géneros ora a abolição das fronteiras entre os mesmos e, ainda ou sobretudo, o abandono da unidade de tom:

Ce mélange est essentiellement fluctuant, et comme tel il esquive par principe toute définition stable, applicable d’un bout à l’autre à une oeuvre ou à un genre en termes de paramètres formels et thématiques constants et combinables. En ce sens le “mélange” baroque et romantique récusé le répertoire des genres.¹⁷

Consequentemente, a própria ideia de transgressão se “dissolve” em certa medida, convertendo-se em princípio de escrita pelo assumir e pela exploração declarada da dinâmica genérica apostada numa “poética transacional”¹⁸, segundo uma formulação recente posta ao serviço da singularidade da obra e da individualidade do criador.

¹⁵ Cf. G. Genette, *Figures V*, Paris, Seuil, 2002, p. 63.

¹⁶ Cf. D. Vaugeois, op. cit., p. 225.

¹⁷ Cf. G. Genette, op. cit., p. 63.

¹⁸ Cf. D. Moncond’huy e H. Serpi, “Avant Propos”, cit., p. 10.

De facto, a “redução” da poesia à lírica operada pelo Romantismo apontada pelo referido teórico em *Fiction et Diction* converte aquela numa categoria detentora de uma dimensão em certa medida “transgenérica”, funcionando em oposição a uma outra de idêntico teor, a prosa, no seio de uma prática artística verbal ampla e alargada, instituída e institucionalizada marcada por uma reivindicação de diferença, face ao paradigma anterior e não só, a que se passou a chamar literatura, “ensemble de valeurs et de conventions”¹⁹ em permanente reformulação. As referidas categorias dicotómicas bem depressa se contaminam e neutralizam no “poema em prosa”, designação oximórica evidenciadora da característica acabada de mencionar, visto a prática literária passar a ser concebida desde então essencialmente como “réarticulation dynamique de la généricité”²⁰, cariz que potencia a expansão do campo e do *corpus* literário por intermédio da travessia e... da já não, mas talvez ainda, transgressão.

Por outro lado, a busca do “absoluto literário” dos românticos de Iéna e a concepção de poesia transcendental postulada por Schlegel, corporizando todos os géneros e, em particular, os teóricos, bem como posteriormente o *desideratum* da obra única, total, de Mallarmé, o poema (mas também, embora em sentido mais restrito, de Flaubert no tocante ao romance), patenteiam uma postura que remete para um teor semelhante. Ainda no âmbito do Romantismo, a transformação operada na concepção e conseqüente cultivar do fragmento convertem-no em forma de escrita sincrética onde metalinguagem e linguagem objecto se fundem, engendrando formas transgenéricas. Nos casos focados pelos poetas teorizadores de Iéna, a materialização poética almejada consigna o literário enquanto

¹⁹ Cf. idem, *ibidem*, p. 8.

²⁰ Cf. idem, *ibidem*, p. 10.

simbiose indistinguível de teoria e poesia, o projecto “da literatura ao quadrado” conforme a crítica o apelidou, posteriormente retomado em grande medida por Blanchot e concretizado de modo *sui generis* em certos textos da fase final da produção do citado Barthes.

O Modernismo postula práticas de escrita declaradamente a-canónicas, segundo uma óptica tradicional, heterogéneas, fragmentárias, engendrando textos onde o pendor autotélico postulado pelo Romantismo se manifesta de modo cabal, evidenciando-se o teor metatextual nelas vigente bem como a dimensão compósita de muitas delas apostada numa ruptura face ao já concretizado. No Pós-Modernismo, por sua vez, as operações de desconstrução irónica e auto-irónica, a prática do registo paródico e as combinatorias heteróclitas de vária ordem, assumem uma funcionalidade produtiva e uma polaridade significativa de capital importância. Assim, na sequência do anteriormente focado, surgem investidas enquanto categorias taxonómicas transgenéricas designações como “poema”, “romance”, “ficção”, “texto” e “ensaio”, mas também “escritos” e por vezes “livro”²¹, abarcando concretizações textuais de uma disparidade enorme, facto que atesta não só a transformação e a expansão da nomenclatura genológica quanto a flexibilidade dos usos da mesma, mas também a mutação na produção literária conforme D. Vaugeois aponta no texto citado.

A teorização do literário encarada enquanto campo interdisciplinar até aos anos 70 converte-se em prática transdisciplinar, cumprindo um percurso de alargamento e de translação onde a adopção de ópticas transversais marca as várias práticas teóricas, ocupando a transdiscursividade e a transgenericidade um papel de relevo, seja ao nível da conceptualização propriamente dita, seja ao da materialização textual das mesmas. Uma tal mutação na teoria e no seu discurso

²¹ Cf. D. Vaugeois, op. cit., p. 224.

é concomitante à alteração operada no(s) modo(s) de accionar a ordem literária, conjunto de procedimentos operacionais transformativos em permanente reformulação. Manifestação diferencial da linguagem em recombinação multidirecional, a actualização inquiritiva pluralizante do literário dissolve-se, dissemina-se, miscisgena-se, mascarando-se e desvendando-se na complexidade-complementaridade das suas polaridades capitais: texto objecto e metatexto em translação e travessia.